

FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA CONTEMPORANEIDADE: A PERSPECTIVA DO SER INTEGRAL NA EDUCAÇÃO

Patrícia Costa da Silva¹

Ao observar-se o contexto social mais amplo, percebe-se um cenário marcado pela violência nas suas múltiplas formas, que se apresenta como resultado da crise econômica e social. A sociedade vive em um momento de alto materialismo, revelado por um consumismo intenso (principalmente para a parcela da população mundial de maior poder aquisitivo), desvinculado, muitas vezes, de preocupação com a natureza. Sob essa perspectiva, Jares (2008) indica a existência do fundamentalismo, do maniqueísmo, das mentiras, da corrupção e a percepção do homem como meio e não como fim.

Já o senso comum aponta que a Educação estaria imbricada em tais desafios atuais. Definitivamente e dada a complexidade das questões, ela não seria a única causa, mas pode trazer contribuições importantes. O enfoque desta análise não é o de olhar para os desafios com a perspectiva da “queixa”, mas o de buscar elementos e concentrar esforços para uma transformação necessária e profunda em nossa sociedade. Nas palavras de Paulo Freire, devemos tornar “dificuldades em possibilidades”.

Tal perspectiva remete à reflexão sobre qual educação exatamente se está a fazer referência. No contexto da educação formal, que inclui o ensino fundamental, o médio e o superior, há, no Brasil e no mundo, prática focada basicamente nos conteúdos. Essa educação parece não estar dando conta da complexidade dos problemas enfrentados pela humanidade. Há quem diga que ela, inclusive, fomenta tal sistema em crise (FLECHA; TORTAJADA, 1999).

O enfretamento de tal cenário está na preparação do indivíduo em sua integralidade. Mas o que vem a ser educação integral? Ela aborda a educação do ser na perspectiva de sua inteireza, em que o aprendiz é tomado nas dimensões social, racional, emocional e espiritual. A dimensão social caracteriza-se pelas relações de um indivíduo com os demais, sejam eles próximos ou não; a dimensão racional envolve as capacidades de análise e síntese; a dimensão emocional estabelece-se pelo comportamento sobre como um sujeito reage às situações com os demais e consigo; já a dimensão espiritual está relacionada com a razão de existir/ser, com

¹ Mestre em Psicologia Social e Institucional, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Especialista em Dinâmica dos Grupos (SBDG), pós-graduada em Gestão de Pessoas (PUC-RS) e Bacharel em Psicologia (UFRGS). Docente na Faculdade IBGEN em cursos de graduação e pós-graduação. Consultora na área de treinamento e formações em empresas e escolas. E-mail: patricia.costa@acad.ftec.com.br

o sentido da vida. A palavra espírito não se refere a religiões ou crenças espiritualistas, mas à capacidade de autoconhecimento, à reflexão de si mesmo e de autotranscender-se; sendo, portanto, intrínseca ao humano (CATANANTE, 2000; PORTAL, 2015). Sabe-se que a educação formal vem priorizando a dimensão racional, portanto, ao refletir-se sobre a formação profissional na contemporaneidade, visando a perspectiva do ser integral na educação, tal tema sugere a necessidade de considerar-se as demais dimensões na formação.

A presente reflexão é oriunda não somente da vida da autora deste texto enquanto acadêmica e pesquisadora, mas também dos aprendizados que obteve em sua trajetória profissional. Os 20 anos de formação em Psicologia lhe permitiram uma rica experiência na área organizacional, especialmente em processos de treinamento, desenvolvimento e aprendizado. Além disso, atua como docente no ensino superior há 10 anos, além de realizar, há 8 anos, atividade voluntária no Programa de Educação e Valores Humanos vinculado à Organização das Nações Unidas - ONU. Em todas essas experiências, tem observado que o aprendizado parece ocorrer de maneira mais efetiva quando todas as dimensões dos participantes são atendidas de algum modo. Experiências em salas de aula ou em treinamentos organizacionais conduzidas nesta perspectiva tendem a resultar em maior aderência dos participantes e a revelar uma maior motivação para o aprendizado, além de aumentar as chances de aplicação dos conhecimentos adquiridos. Sempre encantou-se com uma educação que se apoiasse no aprimoramento do autoconceito e das habilidades de convivência.

Assim, o objetivo deste texto é o de refletir sobre o lugar da educação integral na formação do indivíduo. Para isso, buscou-se explorar diferentes abordagens e áreas de conhecimento, de modo a promover a reflexão sobre o tema.

A PAIDEIA E A EDUCAÇÃO PARA OS GREGOS

*Educar a mente sem educar o coração, não é educar.
Aristóteles*

A Filosofia clássica, na Grécia antiga, tinha como objeto o amor pela sabedoria e o estudo da vida, buscando o conhecimento sobre o ‘saber viver’ e o ‘melhor viver’. Nesse sentido, os importantes pensadores da época preocupavam-se com o tema da formação humana. Platão, em seu livro *A República*, entendia a educação como uma forma de elevar as pessoas, fortalecendo a sua humanidade, despertando valores, virtudes e sabedoria. A educação incluía corpo e alma, e a vida em sua inteireza era tomada como objeto de reflexão e aprendizado, que era entendido como parte de toda a jornada da vida.

A palavra Paideia, conforme utilizada na Grécia antiga, não possui tradução na língua moderna, graças à riqueza de conceitos que tal vocábulo incluía. Faziam parte de seu conceito aspectos vinculados à cultura, à tradição, à literatura, à educação, à formação de valores, à cidadania; seu sentido, portanto, traz consigo um sistema de educação integral. Para compreender o conceito de paideia, seria necessário utilizar todas essas palavras ao mesmo tempo (JAEGER, 1995).

Muitas das concepções encontradas na sociedade atual quanto à educação, à sociedade, à política, à filosofia e à arte se inspiram nos gregos antigos. Das escolas filosóficas, derivaram também todas as ciências como as que concebemos hoje em dia; dali surgem as matemáticas, as escolas filosóficas, a arquitetura, assim como o perguntar-se a respeito do sagrado e do divino (JAEGER, 1995).

Os gregos acreditavam que o ser humano deveria buscar um modelo, como um arquétipo. A Paideia buscava formatar uma personalidade do mais elevado nível moral, tendo como princípio que não se poderia haver educação sem valores humanos. A educação do homem, em todas as suas dimensões, constituía a finalidade da comunidade na Grécia. A educação não era tida como algo individual, mas como um processo da comunidade (JAEGER, 1995).

Plutarco (2015), pensador e historiador grego, afirma que educar não é algo que alguma causa externa deveria preencher, mas um recurso interno a ser desperto. Para os gregos, o conhecimento em si era visto como algo de valor e não como um meio. Atualmente, a lógica de mercado faz com que o conhecimento seja um meio de ter status e dinheiro, mas à época se valorizava o amor pelo saber em si.

Platão, ao referir-se a Sócrates, destaca que, para este, a educação seria retirar do homem o que lhe atrapalha (alienação, inércia, vícios de percepção) e deixá-lo com sua essência de valores e virtudes. Sócrates, segundo Platão, contava que sua mãe era uma excelente parteira, mas que ela nunca tinha conseguido ajudar uma mulher que não estivesse grávida a dar à luz. Ou seja, se não há desejo, não há aprendizado. Ele via-se como parteiro de almas que necessariamente dependia de um desejo, algo que o pressionasse para que, de fato, pudesse se expressar.

Tanto para Platão, como para Sócrates, os valores humanos não expressam algo que o humano possui, mas aquilo que ele é. Seu método dialógico visava conduzir o aprendiz pela via racional à descoberta do essencial: o bem, o justo e o belo. Para isso, fazia-se uso de perguntas e respostas sucessivas, questionamentos, formulações conceituais e refutações (APARECIDA; SILVA, 1986)

Voltando-se à origem das palavras, facilmente percebe-se que há uma lacuna entre sua ideia original e o que se encontra como práticas na atualidade. Os termos *Paideia* e *Paidagogos*: significam a condução de crianças (à maturidade). No grego, ainda, encontra-se *Didaskalós*, traduzido como didática, mas que, na origem, significava “aquilo que distribui beleza”. Já Educação, vem do Latim *Educo*, *Educis*, *Educere*, cuja tradução traz o sentido de conduzir pra fora, fazer sair. Assim, verifica-se que, no seu início, a educação tinha sua acepção original relacionada com o termo humanizar e não meramente informar. É importante formar tecnicamente, mas deve-se acrescer as dimensões que constituem o sujeito em sua formação.

A PERSPECTIVA DA INTEGRALIDADE DO SER NA EDUCAÇÃO ATUAL

A legislação para a Educação vigente no Brasil define-se como inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tomando como objetivos: “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (SENADO FEDERAL, 2017, p. 8). Percebe-se que, pelo menos no plano das ideias, há um compromisso com o desenvolvimento integral dos estudantes e uma preocupação com um resultado que impacte positivamente na transformação da sociedade.

O trabalho internacional de Jacques Delors e equipe apontou para a necessidade de as instituições ao redor do mundo adotarem um novo conceito de educação, baseado no que denominaram como os “quatro pilares”: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Destes, espera-se alcançar a sua finalidade máxima que se concentra em “fornecer, de algum modo, mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (DELORS et al., 2001, p. 89). Não se trata mais de apenas mergulhar nas informações, mas de aprender a desenvolver projetos sustentáveis, tanto para os indivíduos, quanto para o coletivo. Do início ao fim da vida, das séries iniciais aos cursos de pós-graduação, todas essas fases devem ser marcadas pela busca incessante do conhecimento, acoplada às demais dimensões da aprendizagem.

Apesar de as instituições ainda apresentarem-se, em sua maioria, concentradas no aprender a conhecer e, em menor escala, no aprender a fazer, muitas ainda negligenciam as dimensões do ser e do conviver. Faz-se necessário explorar todos os recursos dos educandos (e educadores!) na aquisição de capacidades diversas, considerando-os em sua plenitude e considerando todas as oportunidades, por meio das quais os sujeitos aprendem, em última

instância, a ser. Delors et al. (2001) destacam a relevância da educação em todos os níveis e a importância de concebê-la como um todo como questão de sobrevivência planetária.

Quadro 1 - Os Pilares da Educação e sua proposição

Pilares da educação	Proposição
Aprender a conhecer	Trabalhar em profundidade os conteúdos, privilegiando o “aprender a aprender”, que beneficiará o aprendiz nas oportunidades de educação oferecidas ao longo da vida.
Aprender a fazer	Fornecer qualificação profissional, mas, de modo mais amplo, incluir o enfrentamento de situações do contexto do trabalho / profissão e o trabalho em equipe.
Aprender a viver juntos	Desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências.
Aprender a ser	Estimular as capacidades de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Buscar incluir, no contexto do aprendizado, todas as potencialidades: memória, inteligência, sentido estético, capacidades físicas, comunicação etc.

Fonte: Adaptado de Delors et al. (2001).

Paulo Freire (1996), em sintonia com tal abordagem, ressalta que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico seria menosprezar o que existe de essencialmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. “Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar” (FREIRE, 1996, p. 18).

O professor José Pacheco, educador português e idealizador da conhecida Escola da Ponte, em Portugal, indica que educar é assumir responsabilidade social, solidarizar-se eticamente. Somos marcados pela imperfeição, geneticamente sociais e geneticamente históricos; criamos vínculos. A arte de conviver (viver com) exige uma atitude de abertura, o reconhecimento do outro e o respeito pela pessoa do outro. O desafio reside em compartilhar tais aprendizados necessários dentre os espaços educativos formais e informais com a família e com a comunidade em geral (PACHECO, 2009).

Portal (2015) percebe cada vez mais movimentos na área da educação, convergindo para o ressurgimento dos valores, do sentido da vida, de um viver mais humano, solidário e

fraterno. Espera-se que essas transformações possam trazer mudanças na relação do indivíduo consigo mesmo, no convívio entre as pessoas, na comunidade e nas relações com a natureza.

A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

O ano de 2018 foi escolhido pelo Conselho Federal de Psicologia para diálogos em todo o país sobre o tema da formação profissional na área. A preocupação com tal assunto já existia mesmo antes da regulamentação da Psicologia como profissão, dada a sua relevância. Concebe-se que a formação em Psicologia deve ocorrer de forma “reflexiva, investigativa, ética e socialmente comprometida, valorizando a interdisciplinaridade, multiprofissionalidade e a interação teórico-prática durante todo o processo de formação, além da necessidade de formação continuada” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018, p. 35).

Temas e questões foram sugeridos pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) por ocasião do debate proposto em todo o país. Os principais eixos deste diálogo são: a) concepção geral da formação (concepção de currículo, sua integração com a promoção dos Direitos Humanos); b) perfil do egresso (qual o perfil diante do momento histórico e das demandas sociais contemporâneas, como abarcar a diversidade de estudantes presentes nos cursos de Psicologia); c) metodologias ensino-aprendizagem (articulação ensino-pesquisa-extensão; como usar metodologias ativas que estimulem os estudantes a pensar, produzir seus conhecimentos); d) sistema de avaliação (como inserir a diversidade da experiência formativa e como manter coerência com os conhecimentos da Psicologia da Educação com os sistemas avaliativos utilizados); e) estágios (que conhecimentos, habilidades e atitudes se pretende desenvolver nos estágios); f) pesquisa (como incentivar a pesquisa, de modo a sair da lógica da “educação bancária”); g) extensão (como articular a extensão ao projeto pedagógico do curso); h) licenciatura (como a formação de professores de Psicologia dialoga com as demandas das juventudes e de professores de educação escolar); i) educação à distância (o que seria viável ensinar a distância, sem que exista perda de princípios fundamentais da formação).

A formação profissional, qualquer que seja, está naturalmente dentro do “guarda-chuva” maior da educação. Assim, os documentos elaborados sobre o ano da formação da Psicologia (CFP, 2018, p. 53) destacam a relevância do papel ativo e participativo dos estudantes no processo de aprendizagem. O texto indica que o processo de aprendizagem deve levar em conta a formação integral, nas dimensões pessoal e profissional, bem como ética e técnica. Apesar de os documentos não aprofundarem o que exatamente significa a dimensão

pessoal, tampouco em “como” desenvolvê-la, a experiência docente certamente compreende a afirmativa.

Como perfil dos futuros profissionais, ao final da formação, espera-se alguém com excelência técnica, em busca de aprimoramento constante, mas também comprometido com valores humanos universais. Segundo orientação do CFP (2018, p.30), é esperado que o graduado “respeite a diversidade cultural do país [...], se pautar na ciência, na ética e nos valores humanos, na relação com seus pares e com a sociedade como um todo, contribuindo para uma profissão socialmente referenciada e reconhecida”.

REFLEXÕES FINAIS

Este texto fez um pequeno recorte e buscou lançar um olhar integrador entre as áreas da Filosofia e da Educação e sobre a formação em Psicologia, buscando demonstrar a presente preocupação com os aspectos mais humanos, e não apenas com o conteúdo. Pode-se perceber que a educação integral não serviu apenas como mera reflexão para os antigos gregos, mas foi vivenciada em sua plenitude.

O ensino é como uma escada da consciência humana e não há como passar pela educação sem sair maior do outro lado, especialmente sem sair mais humano. Diferente disso é ser informado, mas não formado. Ensino tem a ver com relação e, portanto, incita o crescimento humano. Outro ponto interessante e presente nas diferentes abordagens apresentadas é o da formação como algo que ocorre ao longo de toda a vida.

Assim, com este breve texto, algumas ideias puderam ser apresentadas, mas ficam muitas reflexões. Sugere-se algumas: Como trabalhar o gosto e o amor pelo saber e pelo conhecimento com os estudantes (e não apenas o desejo do diploma para o mercado de trabalho ou a pressa pela conclusão do ensino)? Como garantir uma formação profissional que seja altamente técnica e especializada, mas que igualmente inclua o desenvolvimento dos valores humanos? Como estimular o desenvolvimento das dimensões emocionais, sociais e espirituais? Neste mesmo sentido, cabe, ainda, a seguinte reflexão: De que modo pode-se estimular a autoconsciência e a construção de conhecimento de dentro para fora?

Para encerrar e aproveitando para utilizar da inteireza da autora deste texto, que inclui o amor pelas artes e pela poesia, compartilha-se um poema de Fernando Pessoa (2006) que aborda com beleza o tema de sua reflexão:

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive.
(PESSOA, 2001, p. 124)

REFERÊNCIAS

APARECIDA, Sônia; SILVA, Ignacio. **Valores em educação**: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

CATANANTE, Bene. **Gestão do ser integral**: como integrar alma, coração e razão no trabalho e na vida. São Paulo: Infinito, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da formação em Psicologia**: revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. São Paulo: Conselho Federal de Psicologia/Associação Brasileira de Ensino de Psicologia/ Federação Nacional dos Psicólogos, 2018. Disponível em: <www.cfp.org.br>. Acesso em: 29 ago. 2018.

DELORS, Jacques et al. **Educação**: um tesouro a descobrir – Relatório para UNESCO da Comissão internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília – DF: MEC / UNESCO, 2001.

FLECHA, Ramón; TORTAJADA, Iolanda. Desafios e saídas educativas na entrada do século. IN: IMBERNÓN, Francisco (Org.). **A Educação no século XXI**: os desafios do futuro imediato. Porto Alegre: Artmed, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JARES, Xésus R. **Pedagogia da convivência**. São Paulo: Pala Atenas, 2008.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SENADO FEDERAL. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

PACHECO, José. **Pequeno dicionário de absurdos em Educação**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

PLATÃO. **A República**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

PLUTARCO. **A Educação das crianças**. São Paulo: Edipro, 2015.

PORTAL, Leda Lisia Franciosi. Ciência e Espiritualidade na Perspectiva da Educação. In: SILVA, Leonardo Machado da; MORAES, Maria Lúcia Andreoli (Orgs.). **Psicologia e Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.